MEARSHEIMER, O OCIDENTE E A ILUSÃO DA VITÓRIA TOTAL

A guerra na Ucrânia resulta de decisões ocidentais sobre a expansão da OTAN; Moscou busca negar a integração militar ucraniana, não uma conquista total, e o Ocidente ignora a realidade geopolítica, prolongando um conflito custoso e desestabilizador.

Giuseppe Gagliano*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Em sua recente entrevista ao *Le Figaro*, John Mearsheimer, renomado professor emérito de relações internacionais da Universidade de Chicago, não diz nada radicalmente novo, mas nos lembra do que o Ocidente escolheu esquecer. A guerra na Ucrânia não surgiu do nada, nem de um súbito impulso expansionista da Rússia. É resultado de uma longa série de decisões ocidentais, desde a gradual expansão da OTAN para o leste até a transformação da Ucrânia em um posto avançado estratégico voltado para Moscou. Afirmar que Vladimir Putin jamais considerou conquistar toda a Ucrânia não é uma provocação pró-Rússia: é uma declaração de realismo estratégico. Ocupar um país do tamanho

da França, hostil ao Ocidente e militarmente apoiado por ele, equivaleria a um suicídio político e militar.

O LIMIAR DA ESCALADA

Os verdadeiros pontos de virada, como aponta Mearsheimer, estão em outro lugar. A incursão ucraniana na região russa de Kursk e os ataques contra bombardeiros estratégicos russos marcam uma mudança no nível do conflito. Durante a Guerra Fria, atacar diretamente o território da "Mãe Rússia" ou sua tríade nuclear teria sido um tabu absoluto. Hoje, esse tabu foi quebrado. Isso não reduz o risco de escalada; pelo contrário, o multiplica. Pois, embora Moscou tenha tolerado até agora ataques indiretos, visar capacidades nucleares estratégicas atinge o próprio cerne da dissuasão.

AVALIAÇÃO MILITAR: A LÓGICA DA DEFESA OFENSIVA

Do ponto de vista militar, a estratégia russa permanece consistente: consolidar o controle de regiões consideradas vitais — Crimeia, Donbass, o corredor terrestre para o Mar Negro — e impedir a integração militar da Ucrânia à Aliança Atlântica. Esta não é uma guerra de conquista total, mas uma guerra de negação estratégica. A Ucrânia, por outro lado, trava uma guerra de desgaste que depende estruturalmente do apoio ocidental. Sem fluxos contínuos de armas, inteligência e cobertura política, Kiev não pode resistir. Esse desequilíbrio estrutural explica a influência decisiva de Washington nas escolhas operacionais da Ucrânia.

CENÁRIOS ECONÔMICOS: O CUSTO DA OBSTINAÇÃO

Economicamente, o conflito produz um duplo paradoxo. A Rússia, apesar das sanções, redirecionou suas exportações de energia e fortaleceu seus laços com a Ásia e o Sul Global. A Europa, no entanto, está pagando um preço alto em termos de energia, competitividade industrial e fragmentação política. A guerra em curso está se tornando um fator de empobrecimento estrutural, não apenas para a Ucrânia, mas para todo o continente europeu, enquanto os Estados Unidos conseguem transferir parte dos custos para seus aliados.

GEOPOLÍTICA E GEOECONOMIA: O OCIDENTE DIANTE DA REALIDADE

A ideia de uma derrota estratégica total para a Rússia pertence ao campo da

propaganda, não da análise. Moscou continua sendo uma potência nuclear, energética e territorial. Pensar que ela pode ser contida sem aceitar um compromisso é prolongar o conflito indefinidamente. Mearsheimer afirma isso com realismo brutal: o único caminho a seguir reside no reconhecimento dos interesses russos, não em demonizá-los. Isso não significa legitimar o uso da força, mas reconhecer que a ordem internacional não se baseia em aspirações morais, mas sim em equilíbrios de poder.

O NÓ POLÍTICO

O verdadeiro problema para o Ocidente não é Putin. É a sua incapacidade de admitir que a estratégia adotada desde 2014 fracassou. Continuar a ignorar isso levará a Europa a uma guerra longa, custosa e politicamente desestabilizadora. Aceitar a realidade, ao contrário, exige uma escolha impopular: negociar, ceder e reformular a arquitetura de segurança europeia. Todo o resto é mera retórica.

Publicado no Le Diplomate.Media.

***Giuseppe Gagliano** é presidente do Centro Studi Strategici Carlo de Cristoforis, em Como, Itália. É membro do comitê internacional de assessores científicos do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R).*